



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**O QUE FAZ A INVEJA**

Por LAURA CHAVES

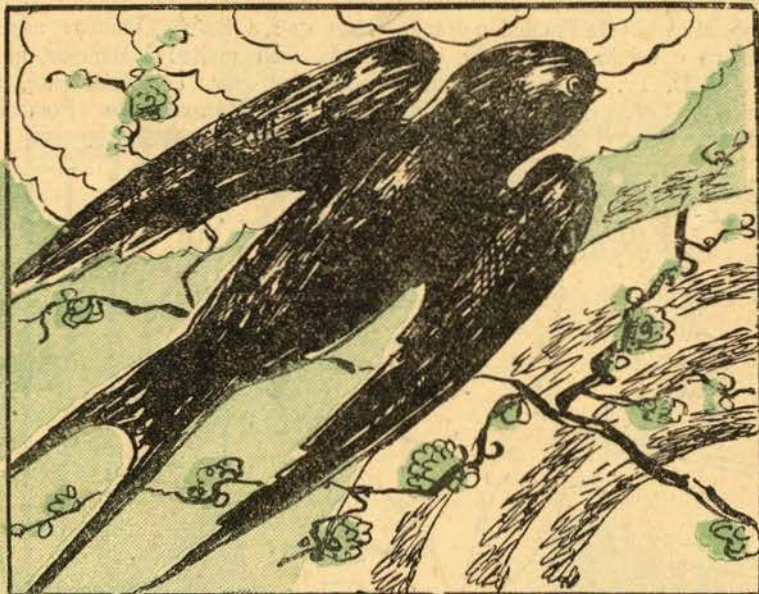
Desenhos de A. CASTANE

Ao fazer o Mundo, Deus deu às as aos passarinhos para voarem nos céus. Também as deu a bichinhos tais como mósas, mosquitos, e, sem se preocupar, se eram feios ou bonitos, pô-los todos a voar.

O Tira-Olhos, então, tinha uns olhinhos decentes, e nada como hoje são, assim grandes, salientes.

Seu focinho era jeitoso, rechonchudinho e bem feito, o corpo, delgado, airoso, era um bichinho escurrito.

Mas, por ser um revoltado, de tudo tinha invejinha, achava-se mal dotado... Se fôsse como a andorinha, com às as iguais às dela de penas muito pretinhas!... Onde é que há coisa mais bela que as às as das andorinhas? E não suas às as tósas — pensava, cheio de fel — que lembravam as das mósas! Deus fôra injusto com êle!



Passava então, sua vida muito invejoso, a olhar, em cobiça tão sentida que começou a mudar: Foi-lhe mirrando o focinho. No sítio de cada ôlho tinha o mau animalzinho um ôlho como um repólho.

E Deus, para castigar o seu defeito ruim, deixou-o depois ficar para todo o sempre assim.

Vai o ditado afirmando que ao invejoso acontece irem seus olhos inchando enquanto o rôsto emagrece.





NOTAS BIOGRAFICAS
Por MANUEL FERREIRA

ARCEBISPO DE TESSALÓNICA

CONFESSOR da Rainha D. Maria I—a «Piedosa», D. Fr. Inácio de S. Caetano, arcebispo titular de Tessalónica (1719-1788) foi, em seus princípios, destinado ás armas. Porém, como lhe notassem especial inclinação para as letras, seus pais quiseram, então, que elle seguisse a carreira teológica, em que foi um dos nossos maiores mestres. Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, o grande ministro e valido de el-rei D. José, indicou D. Fr. Inácio, para confidente da Sereníssima Princesa da

Beira, D. Maria Francisca de Paula, que depois foi a Rainha D. Maria I. O poderoso Marquês tinha confiança ilimitada no então prior de Carmide e notável carmelita. Nomeou-o membro da Real Mesa Censória.

Orador eloquente e escritor de elevado mérito, a sua glória consiste, especialmente, em ter exercido, no acanhado espírito de D. Maria I, uma influência de tal maneira poderosa que a Rainha, embora assediada com muitas instâncias, não pôde reprovar, completamente, a obra do Marquês de Pombal.



EXPERIENCIA FÍSICA

As cores e o calor

Já não é a primeira vez que alguns meninos têm formulado a seguinte pergunta:

— Qual o motivo que nos leva a vestirmo-nos de cores claras de verão e de cores escuras no inverno?

O motivo tem explicação no facto das cores claras absorverem menos quantidade de calor que as escuras. É baseado neste fenómeno, que vamos executar a seguinte experiência que o demonstrará:

Pinta-se, primeiramente, no interior dum copo facetado e alternativamente, faixas brancas e pretas. Aquece-se, em seguida, a cabeça de alguns alfinetes na chama duma vela e, nessa mesma vela, fazem-se mergulhar as cabeças

dêsses alfinetes, de modo a rodeá-las dum pouco de estearina. Dêste modo podem, facilmente, fixar-se nas facetas do copo na posição horizontal.

Depois que a estearina que liga os alfinetes ao copo tiver arrefecido, coloca-se, no centro dêste último, a vela, cujo pavio deve ficar ao nível da borda. Embora a porção de calor distribuída pelo copo seja a mesma em todos os sentidos, os alfinetes das facetas negras são os primeiros a deslocarem-se, visto estes terem absorvido, no mesmo espaço de tempo, maior quantidade de calor do que as facetas brancas.



Morto el-rei D. José, os numerosos inimigos do grande ministro não lhe pouparam inimizades nem calúnias. Apedrejavam o seu medalhão colocado na estátua equestre do Rei «Reformador», cobriam-lhe de injúrias o nome, e arrastavam bustos fotográficos do Marquês, pelas ruas de Lisboa.

Porém, a obra grandiosa de Pombal, não conseguiu cair totalmente, porque D. Fr. Inácio sabendo conservar grande autoridade no espírito da fraca Rainha, congregou a si grande número de homens de valor que seguiram na administração pública, as acertadas e inteligentes reformas de Sebastião José de Carvalho e Melo.

Embora o douto carmelita não tolerasse a possibilidade da permanência de Pombal nos negócios do Estado, o que lhe daria a elle, D. Fr. Inácio de S. Caetano, uma situação de inferioridade, contudo, evitou que a perseguição ao Marquês fôsse mais odiosa, o que só traria o desprestígio ao País.

A. D. Fr. Inácio se deve o não se ter publicado a sentença de reabilitação dos Távoras. O douto prelado falava com superioridade moral, porque era o primeiro a recusar qualquer dignidade. Não queria, o hábil político, que o acusassem de interesseiro.

D. Fr. Inácio em vez de favorecer as tendências acanhadas da Rainha, contrariava-as asperamente. Mas a Rainha não lhe levava a mal. Ele conduzia-a como um médico conduz um enfermo em perigo e, nestes termos, a Rainha não podia passar sem elle.

A morte de D. Fr. Inácio foi misteriosa mas julga-se que faleceu devido a um ataque do coração. Fôsse como fôsse, o seu desaparecimento constituiu uma perda para o País.

O venerando sábio arcebispo repousa num rico mausoleu na Basílica da Estrêla.

A ARVORE do NATAL

Por MANUEL FERREIRA

UM dia destes ia eu meditando na maneira de arranjar assunto para o nosso «Pim-Pam-Pum» quando ouvi chamar:

—«Pst! Pst!...»

Voltei-me. Olhei para todos os lados e não vi ninguém. Apenas, à porta de um armazém, vi uma saca de adubo.

Qual não foi o meu espanto, quando da saca saiu uma vozita que me disse:

—«Se queres arranjar assunto para um conto, aproxima-te e ouve...»

Abri a saca e dentro dela vi uma porção de cinza. Então, a vizinha disse-me:

—«Aqui onde me vês, já fui um pinheiro altivo que dominava a floresta. Lembro-me de que, um dia, a minha semente, arrastada pelo vento, se fixou na terra.»

—«E depois perguntei eu.

—«Depois a plantazinha, que eu já era, crescer e transformou-se num arbusto. Mas, um dia, veio o azar e...»

—«O que te aconteceu?»

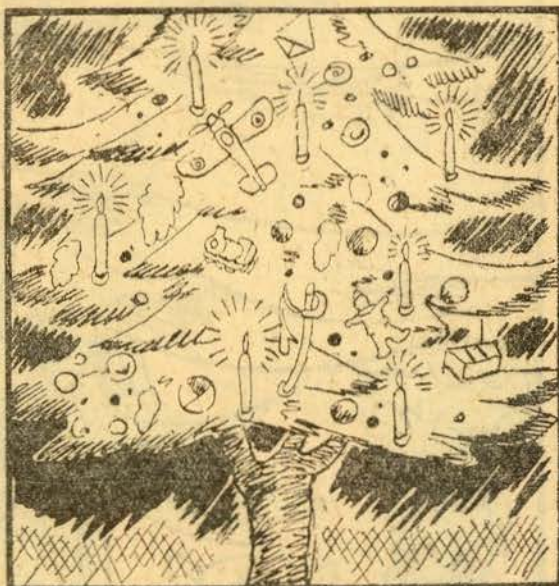
—«Veiu um rebanho e como me viu tenrinho, só me deixou ficar o tronco. Que frio e chuva que eu passei, meu Deus!»

Mas lá cresci, a pouco e pouco. Tornei-me num pinheiro copado.

Os rapazes subiam por mim para me arrancarem as pinhas. As famílias que vinham passear ao campo, diziam:

—«Olha que lindo pinheiro. Vamos sentar-nos à sombra dele...»

Como traziam farnéis, à hora do calor, sobre a alfombrada de verdura que me acariciava o pé, essas pessoas almoçavam e passavam sossegadamente o dia...



to os pinheiros melhores. Ora vamos lá a começar por este...

Que dores que eu sofri. Sentia o machado a cortar-me abaixo. Nem me quero lembrar dos tormentos por que passei...

—«Coitado! — (lamentei eu) — E depois, saíste da floresta?»

—«Saí. Entrei à força, com outros companheiros, meus num carro muito grande e escuro. Quando vi a luz, estava numa praça muito iluminada. Era noite. Uma senhora e uma menina, ambas muito bem vestidas, olharam para mim e disseram para um homem que nos guardava:

—«Eu compro este. É bem bonito, e far-se-á dele, uma linda árvore do Natal.»

—«O quê, já foste árvore do Natal?» — perguntei eu, estupefacto.

—«Sim, é verdade. Nessa noite, cheio de fios prateados, de flocos de algodão, de caixas de doces e de brinquedos, eu nem parecia o mesmo pinheiro. Era, agora, uma árvore linda e dava por bem recompensadas as dores que sofri. Sorria-me enlevado, ao ter, diante de mim, um bando alegre de crianças. E as pessoas que me olhavam diziam:

—«Mas que linda árvore do Natal!»

Eu, então, calculei que tudo isto durava sempre...

—«Pois fizeste mal. Não há bem que sempre dure» — interrompi eu, citando um conhecido provérbio.

—«Mas, no outro dia — (continuou a cinza do pinheiro) — ouvi a menina dizer à mãe:

—«O' mamá! Se nós dêssemos a árvore do Natal à filha da nossa mulher a dias que é tão pobre e tão doentinha...»

—«Não é mal pensado. — respondeu a mãe. — Ela também, se Deus quiser, há-de ter alguma alegria.

No outro dia, às costas de um criado, fui para casa da menina pobre.

Lá estive no meio de toda aquela miséria. Ainda me lembro, como se fôsse hoje, da alegria que a pequenita teve ao ver-me, e os brinquedos e doces que eu trazia. Parecia ter entrado um raio de luz naquela triste casa...

—«E depois?» — perguntei eu, curioso.



Porém, muitas pessoas gostavam de recordações...

—«Bem pensado.» — arrisquei eu.

—«Mal pensado, — continuou a cinza — porque muitas pessoas gravavam os nomes e as datas, com canivetes, na minha casca. Se calculassem que me faziam doer...»

—«Eram golpes que apanhavas.» — observei eu.

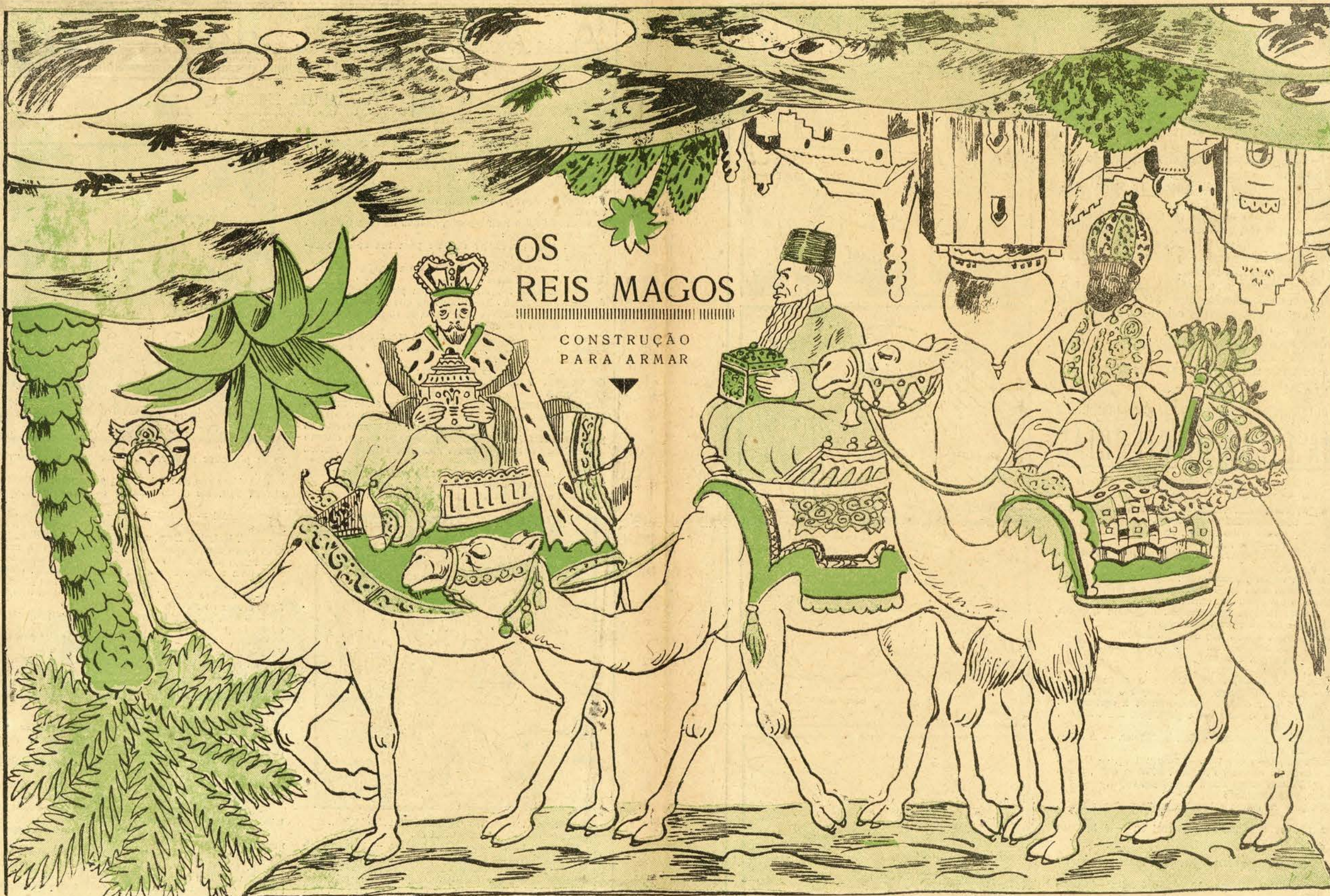
—«Isso mesmo. Mas, bem ou mal, lá ia vivendo. Um dia, porém, vi um lenhador com cara de poucos amigos. Olhou para mim e disse:

—«Agora, como é perto do Natal, tenho de deitar abai-

(Continúa na página 7)

OS REIS MAGOS

CONSTRUÇÃO
PARA ARMAR



CONCURSO dos BICHOS

Este concurso tem por fim levar os leitorzinhos do *Pim-Pam-Pum* a distrair-se. É composto por 40 animais: aves, quadrúpedes e réptis, e consiste no seguinte:

1.º — Em designar o animal representado em cada gravura.

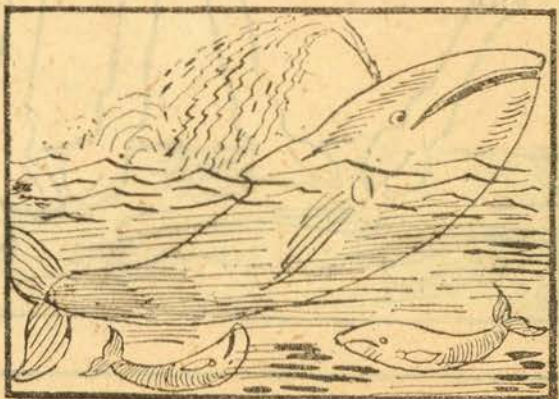
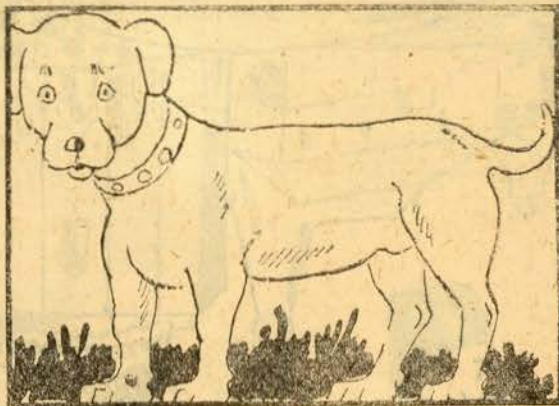
2.º — Em escrever tudo quanto se saiba relativamente a esse animal.

Para isso, basta recortar as gravuras, colá-las numa caderneta (de qualquer feitio, ou dimensão) elaborada pelos leitorzinhos. Serão coladas as gravuras nessa caderneta e enviadas ao *Pim-Pam-Pum*, ao Concurso dos Bichos.

O júri apreciará a originalidade, a arte, e a exposição dos conhecimentos acerca de cada bicho. Se quiserem, poderão colori-los, o que dará ainda um lindo efeito.

Estamos entendidos. Portanto, quando o concurso acabar, cá os espero.

Os prémios são valiosos mas constituem surpresa. E, posto isto, até breve.



UMA LIÇÃO DE CIÊNCIAS

POR MANUEL FERREIRA

UM dia destes, vinha eu pela rua fóra e ouvi dois rapazitos a questionar:

— «E' como te digo, Joao; o sapo é venenoso» — disse um.

— «Venenoso não é, mas é nojento.» — respondeu o outro.

Eu que ia disposto a conversar, resolvi intrometer-me: — «Que diabo estão vocês a zaragatar? Afinal, tão pouca razão tem um como tem outro...»

Os rapazes ficaram assombrados. Julgavam que era verdade o que diziam e perguntaram-me:

— «Mas, então, o sapo não é peçonhento?»

— «Qual peçonhento nem meio peçonhento... Vocês já o viram alguma vez?»

— «Não, senhor.» — responderam eles.

— «Pois se o virem, encontram-lhe o corpo coberto de rugas. Deita um líquido viscoso quando o perseguem. Mas é muito útil; come insectos nocivos à agricultura. Auxilia o lavrador e não recebe paga pelo seu trabalho. E' como a cobra...»

— «O quê? — perguntaram eles, incrédulos. — A cobra também tem utilidade?»

— «Pois está visto que tem. — respondi eu. — Destroi muita bicharada nociva ao homem. E, além disso, ainda é útil para outra coisa. Vocês sabem para quê?»

— «Não, não sabemos.»

— «Da pele de certas cobras fazem-se malas, calçado, etc.»

— «A rá, por exemplo, — continuei eu — é também útil...»

— «Porquê?»

— «Porque nos laboratórios servem-se delas para certos estudos.»

— «Mas aposto em como o leão não é útil.» — Observou o João.»

— «Pois é. A pele tem muitas aplicações. Não a têm visto em tapetes?»

Os rapazes estavam estupefactos. E eu disse-lhes:

CARLITOS é muito ESPERTO

POR ANIBAL NAZARÉ

Carlitos tem um costume
tão difícil de aturar,
que a mamã até presume
que terá de castigar
o desastrado menino!

Que desatino,
mas que menino tão mau!
Calculem que, quando à mesa,
Carlitos toma o cacau,
há-de sempre, com certeza,
entorná-lo na toalha,
numa nódoa que se espalha,
formando uma grande roda
e suja a toalha toda!

Pois por mais que toda a gente
avise, em casa, o Carlitos,
diariamente,
sempre que se senta à mesa,
põe-se a brincar, põe-se aos gritos,
e acaba, evidentemente,
por entornar o cacau!
Mas que menino tão mau!...

Ora, há dias, a mamã,
quiz, logo pela manhã,
fazer-lhe um útil aviso:
— «Se o menino não tem siso
se fôr mau,
e se entornar o cacau,
logo que a isso se aloite,
olhe que a mamã não ralha,
mas jura dar-lhe um açoite
por cada nódoa
que fizer, hoje, na toalha!

agarrou no seu copinho,
este escapou, com presteza
e duas nódoas enormes
se espalharam sobre a mesa!...

Então, e enquanto a mamã
olha p'ra ele, zangada,
Carlos, antes de mais nada,
cheio de medo,
tremendo,
mal escondendo
o terror,
pôs-se a juntar, com o dedo,
as duas nódoas, fazendo
uma só nódoa maior!

Carlos ouviu, sem surpresa,
as palavras da mãezinha,
e já mais cautela tinha
quando se sentou à mesa.
Mas, — que azar!
ao acabar de trepar
para o banquinho, tão alto,
e quando, num sobressalto,

E disse: — «Mamã, tem dó!
Eu não tive culpa alguma...
Das duas nódoas fiz uma,
já levo um açoite só!...»

■ F I M ■

— «Há tantos bichos por esse mundo. Uns úteis, outros prejudiciais, outros curiosos.

O galeopiteco é uma espécie de macaco que tem uma membrana que lhe serve de paraquedas, quando se atira das árvores. O vampiro, que muitos julgam prejudicial, é uma espécie de morcego que come muitos animais nocivos à agricultura. A raposa ataca as capoeiras mas havia de eu ter uma pele de raposa!...

— «Para quê?»

— «Valem muito dinheiro e são muito elegantes. O urso é útil para a gente dos polos, assim como a morsa. Dão carne, óleo e as peles servem de agasalho. O texugo dá-nos a pele. A toupeira, vive debaixo do chão...»

— «Debaixo do chão?!»

— «Sim, em galerias que cava, e come bicharia prejudicial. A pele é apreciada. O rato...»

— «Também tem utilidade?» — perguntou o outro rapaz, que se chamava Alfredo.

— «Pois tem. E' vítima da ciência. Ele, o coelho e as cobaias, a que muitos chamam porquinhos da Índia, morrem pela humanidade enferma. O tucano é um passarão de grande bico que destrói muitos insectos. O javali...»

(Continua no próximo número)

A D I V I N H A

A ARVORE do NATAL

(Continuação da página 3)

— «Depois, fiz-me velho muito depressa e sequei. Deitar-me no lume. Então é que foram elas...»

— «Sofreste muito?»

— «Ora se sofri! Mas, enquanto eu me estorcía nessas dores pavorosas, a pobre mulher ria-se, satisfeita. Dentro de casa havia calor, e lá fora caía neve...»

Depois, fui lançado no caixote.»

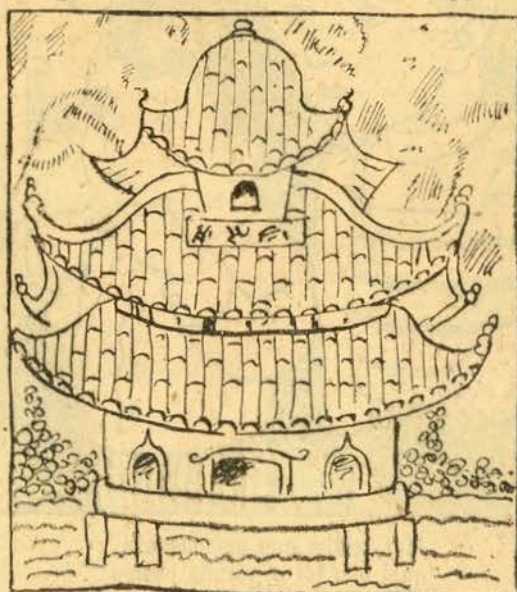
— «E depois?» — perguntei eu, curioso.

— «Fui para uma fábrica, onde conheci o compadre salitre e colega fosfato. Ligado a estes, eu passei a chamar-me adubo. Agora, não sei o que me sucederá...»

— «Ainda tens muito que passar, amiga cinza. Has-de ser lançada à terra e, ao contacto com ela, acalentarás novas plantas, transformar-te-ás, tu mesma, na seiva que ha-de alimentar outras vidas.»

— «Como pode isso ser?» — perguntou a cinza, interessada.

— «Saberás depois. Por hoje fica sabendo que, na Natureza, nada se perde, nada se cria e tudo se transforma. E olha, — (disse eu, a despedir-me) — fico muito agradecido por me teres contado a tua tão linda história.»

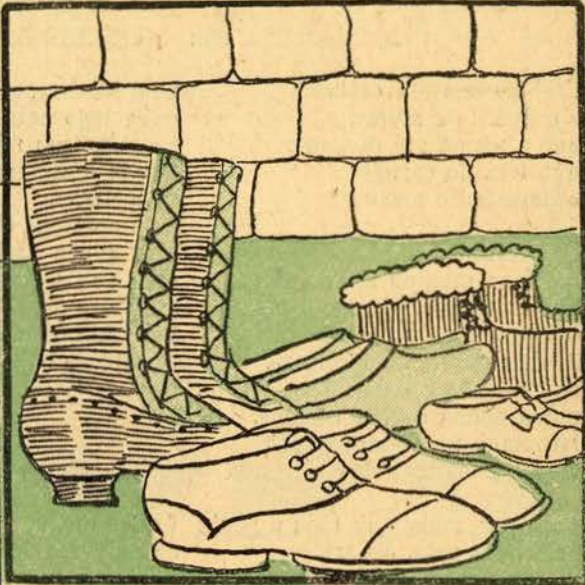


Este palácio pertence a um mandarim. Mas onde está ele? Vejam se o descobrem.

A humildade da Nêné



Pelo Natal, a Nêné
pegou nos sapatos seus
e pô-los na chaminé;
para que o Menino Deus
se lembrasse do Bêbê.



Vendo os pequenos sapatos
clamam, troçando-a sem dó,
os irmãozinhos gaiatos:
— «Tola, neles cabem só
brinquedos muito baratos.»



Mas, assim que amanhecera,
qual não foi o grande pasmo
da Nêné, que boa era,
ao ver, com entusiasmo,
a prenda que lá coubera.



Pôs neles — (que habilidade!) —
uma boneca tamanha!
Do conto a moralidade?!...
— Deus castiga toda a manha
mas premeia a humildade.